

Educação Musical no Ensino Fundamental e Canto Coral: uma reflexão a partir da experiência da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Gilberto André Borges¹

Resumo: Relatamos, neste artigo, a experiência desenvolvida com grupos corais no âmbito do Ensino Fundamental em escolas e Núcleos de Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, desde 2001 até o momento presente. Buscamos focalizar o relato nos aspectos relacionados com a prática coral. Nestes anos de atuação profissional, a prática de canto esteve no alicerce da proposta de Educação Musical vivenciada nesta rede de ensino. Detectamos, atualmente, mudanças nesta prática decorrentes do amadurecimento do trabalho, fruto das discussões realizadas e da prática dos profissionais envolvidos.

Palavras chaves: canto coral, ensino fundamental, educação musical.

Refletir sobre a Educação Musical e a prática coral nos remete ao universo das escolas de Ensino Fundamental, onde realizamos, na rede pública municipal de Florianópolis, trabalhos com beneficiários diversificados² ao longo desta década. E percebemos, nesta prática, a importância do canto no ensino de música. Pessoas de todas as idades gostam de cantar e

1 Gilberto André Borges é licenciado pleno em música pela UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. Assessor Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.

2 Tivemos a oportunidade de trabalhar com crianças e adolescentes de Ensino Fundamental tanto dos anos iniciais e finais e com Educação de Jovens e Adultos. Também pudemos realizar oficinas extracurriculares. Estas últimas, justamente de canto coral e musicalização.

alimentam a expectativa de aprender a fazê-lo bem. É importante estar atento a este objetivo desde o início do trabalho, aproveitando esta motivação para desencadear o processo de musicalização.

Neste Nível de Ensino, é possível até mesmo ocorrer a possibilidade de acompanhar uma turma por mais de um ano letivo. Este acompanhamento de uma turma de estudantes por um período mais longo, possibilita obter qualidade musical e montar um coral de estudantes que alcance uma boa sonoridade. Deste modo, prática coral e ensino de música imbricam-se mutuamente de maneira indissociável.

Compreendemos o regente como um professor/regente, pois este, invariavelmente, deverá organizar o coro com propósitos educativos. Nesta perspectiva, buscamos fundamentar este tipo de atuação profissional em trabalhos como o de Figueiredo(1990). Neste trabalho, este autor demonstra o quão interessante é para a prática coral, uma preparação adequada do ensaio desde uma perspectiva educacional. Coelho (1990), compreendendo o processo de ensino da técnica vocal enquanto gerador de um desequilíbrio psicológico deliberado que provoca uma reação em busca de novo equilíbrio, afirma que

se, por um lado, esse desequilíbrio é desejável e necessário para a aprendizagem, por outro lado ele exige cautela por parte de quem está propondo situações que o provoquem. Isso implica a condição de que o professor de técnica vocal seja, antes de mais nada, um educador musical. [COELHO, 1994: 16]

É importante que os estudantes vivenciem uma prática coral em toda a sua extensão e que compreendam claramente, caso seja esta a proposta, que o objetivo a que se destina a prática de canto coletivo é montar um grupo vocal.

Em uma experiência extracurricular que realizamos em uma Escola Desdobrada³ desta rede de ensino, onde o objetivo era formar um coral infantil, percebemos o quanto é importante para o professor estar atento às necessidades decorrentes desta opção. O projeto foi divulgado na comunidade como sendo “Canto Coral e Musicalização” e isto delimitou claramente qual o tipo de atuação necessária. Com turmas de Educação de Jovens e Adultos, onde também nos propomos a montar um coral de estudantes, percebemos a mesma necessidade. A partir deste objetivo claramente definido é que o professor deve orientar o seu planejamento.

Figueiredo (1990), aponta que na prática coral brasileira, há pouca preocupação por parte dos regentes com a preparação dos ensaios, não obstante a ênfase dada a esta etapa do processo na literatura especializada.

³ Escola Desdobrada, conforme a terminologia empregada neste sistema de ensino, refere-se a aquela em que há atendimento apenas a estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Escola Básica, por sua vez, é aquela que atende a todos os anos do Ensino Fundamental.

... Em geral, o trabalho é desenvolvido através de experimentações que aos poucos sedimentam uma prática. Os regentes são pouco atentos ao aspecto da preparação e organização do ensaio. Considerando a necessidade de aprendizagem – que está inserida num processo – a organização do trabalho pode conduzir com mais eficiência à aquisição do conhecimento necessário para a prática coral [FIGUEIREDO, 1990: 5].

Com estudantes de Ensino Fundamental, assim como em outras situações, uma prática pouco planejada e organizada não obterá êxito. Conforme percebemos em nossa experiência, este contexto específico, é preciso não apenas ter um ensaio planejado, bem como possuir um repertório de atividades extras. O planejamento, nesse caso, deve equilibrar flexibilidade e, ao mesmo tempo, manter o foco na proposta inicial. A flexibilidade é necessária para mudanças advindas de necessidades imediatas inerentes ao ato educativo e o foco deve ser direcionado ao objetivo do trabalho coral: aprender a cantar e desenvolver-se musicalmente, além de preparar um repertório.

Para que este desenvolvimento aconteça, Figueiredo (1990) aponta o treinamento enquanto parte integrante do processo. “... Para cada grupo haverá diferentes aplicações de treinamento de acordo com as características, condições e aspirações de seus integrantes” [FIGUEIREDO, 1990: 15].

Neste contexto, vamos estar lidando com um público que possui uma idéia muito vaga do que significa cantar em um coro, salvo poucas exceções. No trabalho realizado, tanto com crianças e com jovens e adultos, encontramos pessoas que afirmaram ter experienciado uma prática de canto coral, com destaque para o canto em atividades religiosas. A maior parte dos estudantes que declararam ter experiência com coro afirmam que esta experiência é ou foi vivenciada em alguma prática religiosa.

Na maioria das vezes, verificamos que estes estudantes possuem algum domínio vocal o que os leva a emitir afinadamente e com ritmo, mas detectamos muitos problemas na sua formação musical advindos, deduzimos, nos casos que acompanhamos, da pouca sistematização desta atividade nestes locais de culto.

Neste sentido, é preciso estar atento para as dificuldades do grupo e para as dificuldades individuais dos estudantes. Sobreira (2003) aponta que muitos dos que se proclamam desafinados na verdade não o são. Tampouco o senso comum possui clareza sobre o que é afinação e desafinação.

Conclui-se que muitos indivíduos se consideram ou são considerados desafinados sem que isso corresponda à verdade. Certamente, esses

enganos ocorrem por serem as definições a respeito da desafinação tão distintas entre si [SOBREIRA, 2003: 36].

Para buscar resolver estes problemas específicos de afinação, por exemplo, a mesma autora⁴ aponta para a necessidade de investigação das causas da desafinação. Esta investigação deve ocorrer a nível de grupo e a nível individual, pois problemas de afinação podem advir tanto de dificuldades do grupo ou ocorrerem por deficiências de alguns cantores, apenas. Isto ocorre quando, por exemplo, detectamos que o grupo consegue realizar o repertório, com exceção de alguns participantes que destoam dos demais. As necessidades educativas são definidas no processo e podem ser detectadas através da execução do repertório, do acompanhamento do grupo e de avaliações.

Tratando-se de ensino de música em escolas, muitas vezes é difícil conhecer o aluno em suas dificuldades musicais particulares. Tal ocorre principalmente com os trabalhos realizados em aulas curriculares de música, onde um mesmo professor, muitas vezes, atende um número grande de alunos. Nestes casos, a detecção de deficiências individuais é favorecida a partir da continuidade do trabalho em mais de um ano letivo, o que possibilita, por proporcionar mais tempo ao contato entre professor e aluno, um acompanhamento mais próximo e eficaz. Em casos onde esta continuidade por mais de um ano não ocorreu, não foi possível detectar, com algumas exceções, dificuldades individuais ao nível necessário para uma intervenção mais qualificada.

Entre os fatores que contribuíram para esta constatação, apontamos a grande quantidade de estudantes por turma e o fato de que, professores contratados em caráter temporário e que não conseguem permanecer por mais de um ano na mesma Unidade Escolar passam por um período de adaptação a uma nova escola anualmente. Neste processo, demandam uma boa parte do ano letivo para conhecer os alunos e vice-versa.

Nos trabalhos que realizamos com turmas extracurriculares de crianças e adolescentes, bem como com jovens e adultos, tivemos a oportunidade de atender um grupo menor quantitativamente e mais voltado a vivenciar uma prática coral, especificamente. Nestes casos, a avaliação individual dos participantes pôde acontecer mais rapidamente, embora tenhamos constatado que a continuidade das ações por mais de um ano, nestes casos, nem sempre tenha acontecido.⁵ Tal continuidade é importante por possibilitar um desenvolvimento musical maior aos participantes.

Quanto a estes grupos estarem mais voltados à prática coral, nos referimos ao fato de que o trabalho extracurricular por nós realizado, bem como as intervenções nos Núcleos de

4 Sobreira (2003).

5 Abordamos mais detalhadamente esta questão em outros trabalhos, como Borges (2003a) e Borges (2003b).

Educação de Jovens e Adultos aconteceram na proposição da atividade coral enquanto eixo. Por sua vez, nos trabalhos curriculares, foi possível vivenciar situações em que o canto foi o eixo principal da atividade e também situações onde o hábito de cantar encontrou grande dificuldade para ser introduzido.

Nestes casos, nos deparamos com questões diversas, como a estranheza causada, no início, com o ensino de música curricular. Tal situação já foi bastante comum em escolas desta rede municipal de ensino. Atualmente, detectamos mudanças nas posturas de diretores de escolas, colegas de trabalho e alunos quanto a este ponto, decorrentes do trabalho realizado nestes anos todos pelo grupo de educadores musicais que compõem o corpo docente na área de música.

Outros motivos também podem originar situações onde o canto não seja inicialmente bem aceito nesta modalidade curricular de ensino. Ocorreram situações onde trabalhamos com turmas em que a atividade desenvolvida não conduziu à formação de um grupo vocal. Nestes casos, a formação de um coral foi completamente descartada enquanto objetivo, ao menos temporariamente, pois no trabalho curricular, onde há a possibilidade de permanência por mais de uma ano na mesma escola, é possível aguardar um momento adequado para iniciar um grupo vocal.

De igual forma, entendemos a vivência da prática vocal (e isto inclui a formação de um coral) enquanto fundamental neste nível de ensino. Mesmo em Unidades Escolares onde optamos por centrar o trabalho no uso de instrumentos, por exemplo, a atividade de canto sempre esteve presente. Defendemos esta argumentação na assertiva de que, se musicalizar é dar as ferramentas necessárias para a compreensão musical, tal qual defendemos, a partir de autores como Penna (1990), a emissão vocal adequada para esta realização é, neste caso, ferramental essencial. Seu desenvolvimento inclui além do estudo da técnica vocal e do ensaio de repertório, cantar em público e em grupo na sua mais extensa completude possível.

Realizamos uma série de apresentações ao longo destes anos. Fizemos uma opção por não excluir nenhum aluno destas performances. Este é um aspecto delicado em um trabalho deste tipo, pois a opção pela não exclusão acarreta levar para o palco aquele aluno que ainda não resolveu todos os seus problemas vocais. Sempre tivemos o cuidado de buscar o melhor resultado possível e de não expor nenhum estudante a uma situação pública desconfortável, mas é difícil equilibrar produto e processo em um trabalho da natureza deste que aqui descrevemos. Sempre levamos, até 2004, muitos alunos para o palco. Realizamos nos anos de 2001, 2002 e 2003 grandes concentrações juntando o trabalho de diversos professores.

Para tanto, definíamos um repertório comum e, com exceção do primeiro ano, não fizemos nenhum ensaio com todos os alunos. Isto é compreensível em um trabalho em rede

devido à dificuldade logística para eventos desta natureza. É difícil arranjar transporte, alimentação e, até mesmo, um local para realizar ensaios assim. Não obstante a isto, a junção de diferentes grupos corais realizada através do uso de um repertório comum previamente combinado pelos professores possibilitou um resultado bastante semelhante.

Em uma única ocasião, utilizamos playback para execução do repertório, por um problema diferenciado. A proposta era cantar com as crianças colocadas em janelas de uma loja em uma rua central da cidade. Neste dia, não havia como cantar junto e ser ouvido, ou misturar o som devido a distância existente entre uma janela e outra. O playback foi a única solução encontrada. Em todas as outras vezes, o coro resultante da junção das escolas souu verdadeiramente ao vivo, mesmo com suas deficiências e dificuldades.

A partir de 2003, esta prática – a de empreender grandes concentrações corais – foi sendo abandonada e se passou a realizar apresentações com grupos menores. No primeiro período desta década, até 2004, vemos a situação da música na Rede Municipal de Ensino caminhando em uma continuidade em relação à década anterior, a qual foi marcada em termos de Educação Musical pelo Projeto Coral, o qual é apresentado e discutido por Finck (1997).

Este projeto delimitou um tipo de atuação nas escolas que perdurou até o momento anteriormente descrito. A partir de 2004 vivemos um período de transição. De 2006 em diante, o Projeto Nossa Rede Encanta passa a redefinir algumas questões através de ações, tais como, dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelos professores nas escolas, prover subsídio material, a introdução do uso de softwares livres como ferramenta auxiliar no processo, a discussão de uma proposta pedagógica, intercâmbio de trabalhos entre as escolas, entre outras. Embora ainda conservando muitos elementos dos períodos anteriores e sem negar esta trajetória, percebemos atualmente um outro momento, onde a atividade musical está experimentando uma expansão, senão numérica, qualitativa.

Opinamos ser importante a apresentação como parte do processo por diversos motivos. Entre eles destacamos a elevação da motivação do grupo e também porque a apresentação serve como importante avaliação do trabalho, a qual pode até dar uma nova orientação para o mesmo. Para que isto aconteça, julgamos ser importante refletir acerca da apresentação realizada com o grupo. Apenas percebemos atualmente uma mudança de orientação, desde grandes concentrações, as quais aconteciam anualmente na época das festas de final de ano, para apresentações de grupos menores em eventos bastante diversificados ao longo do ano.

Porém, atentamos para o fato de que o momento da performance para o público não pode ser o mote do processo educativo. Aprender música é uma realização muito mais ampla do que preparar uma apresentação pública. Envolve a capacidade de se comunicar através da música de acordo com o seu ambiente cultural. Para autores como Elliot (1995), este ambiente

engloba “um fazedor, algum tipo de feito, apenas o fazer em si e um contexto onde o fazedor produz aquilo que faz” [ELLIOTT: 1995, 40]. Aprender música é, nesta perspectiva, um processo de envolvimento em uma atividade humana coletiva e intencional. É aludir a uma memória ancestral, como aponta este mesmo autor e projetar uma nova possibilidade. Apenas objetamos ao ponto de vista apresentado por Elliott (1995), que o mesmo não concebe este processo enquanto sendo dialético, mas sim enquanto dotado de um certo apriorismo característico do multiculturalismo.

Filmar ou gravar esta experiência é importante. Gravamos algumas faixas em um estúdio profissional com um coral de adultos e um cd com um coral infanto-juvenil. O cd feito com o coral de adultos não pode ser divulgado na internet ou em outro meio devido a escolha de repertório realizada. Escolhemos músicas populares, as quais possuem restrições legais para seu uso. Este é um fator limitante para o uso da música popular brasileira na escola.

O outro cd, gravado com um coral infanto-juvenil, compõe-se de músicas natalinas, as quais são de domínio público. Isto possibilitou a divulgação do material. Também fizemos uma gravação de um grupo de rap de estudantes de um Núcleo de Educação de Jovens e Adultos na escola com materiais disponíveis na sala informatizada. Utilizou-se software livre como ferramenta para gravação e, por tratarem-se de canções feitas pelos próprios estudantes, este cd está também disponível na internet no mesmo endereço que o cd natalino.⁶ Com estas experiências, percebemos a importância de usar canções de domínio público na escola.

Gravar o coro, mesmo que seja com um simples gravador comum é uma experiência enriquecedora em toda a sua extensão: na hora de gravar, o silêncio obtido na classe dificilmente será repetido em outras ocasiões. É uma chance de ouro para que os estudantes ouçam a si mesmos e aos seus colegas. A análise da gravação, a qual deve ser feita juntamente com os estudantes, pode revelar aspectos não percebidos em dias comuns de ensaio. É um momento que deve ser aproveitado ao máximo para enriquecer o trabalho, desenvolver a percepção dos estudantes e também enquanto registro. Fazer uma cópia e entregar aos alunos para que ouçam em casa pode dar um certo trabalho, mas pode ser um fator importante para manter ou até mesmo aumentar a participação. O único requisito para isto é uma boa qualidade na execução e na gravação da obra. Sobreira (2003), aponta como uma das causas da desafinação a dificuldade em ouvir a si mesmos que possuem os estudantes. Esta possibilidade pode ser ampliada pelas ferramentas disponíveis a partir das novas tecnologias.

Atualmente, com os chamados softwares livres para gravação e edição de áudio, é possível gravar com qualidade a partir de praticamente qualquer microcomputador. Realizamos este tipo de atividade diversas vezes, pois as escolas da Rede Municipal de Educação são todas

6 O site <http://www.musicaeeducacao.mus.br>

equipadas com uma sala informatizada e os softwares livres podem ser usados sem as restrições legais dos softwares privados.

Gravar, apresentar publicamente e filmar o coro, podem ser atividades compreendidas como sendo avaliativas. O importante é embasar a análise destes resultados em critérios musicais claros e não meramente opinativos ou ambíguos.

Resumidamente..

Abordamos a prática coral no âmbito da RME através deste relato, o qual abordou diversas experiências vividas nos últimos anos enquanto Educador Musical nesta rede de ensino. Entendemos esta experiência enquanto inserida na continuidade de um trabalho que já completa quinze anos de existência. Este processo, hoje, passa por uma expansão e a revisão constante é prerrogativa essencial para apontar caminhos. Em um princípio inicial, esteve basicamente alicerçado em uma proposta coral. O Projeto Coral⁷, deixou marcas profundas na feição adotada pela área de música nesta rede em anos posteriores.

Atualmente, o Projeto Nossa Rede Encanta, sem negar esta historicidade, busca redefinir algumas questões e ampliar o trabalho para outras possibilidades além da prática coral. Porém isto não exclui o canto, assim como não o faz com outras formações musicais. Cantar em coro é uma experiência fantástica que deve estar presente na escola. Ao invés de pretermos o coro ou outra possibilidade musical, ficamos com ambas. Há espaço para bons coros na RME, assim como em outras redes de ensino. Também devem haver bandas, grupos percussivos, grupos instrumentais diversificados, música eletrônica, música eletroacústica, grupos folclóricos e parafolclóricos, e os mais que forem possíveis. O importante é que este processo tenha um horizonte demarcado fortemente na educação musical, na musicalização do indivíduo, que possa promover a sua musicalidade e colaborar no seu desenvolvimento musical, constituindo, através do encantamento que a música proporciona, um mundo mais feliz e humanizado.

7 Ocorrido entre 1992 e 1996.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Gilberto André. **Educação Musical nas escolas: reflexão sobre a experiência desenvolvida junto da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Monografia de Graduação. Florianópolis: UDESC, 2003a.

_____. **Educação Musical: relatos da experiência da Rede Municipal de Educação de Florianópolis**. Anais do XIIº Encontro Anual da ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical. Florianópolis: 2003b.

COELHO, Helena Wöhl. **Técnica vocal para coros**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

ELLIOTT, David J. **Music Matters. A new philosophy of Music Education**. New York: Oxford University Press, 1995.

FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. **O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de Educação Musical**. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação – Mestrado em Música. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

FINCK, Regina. **A Prática Coral - Uma Reflexão**. Monografia de Especialização em Educação Musical. Florianópolis: Udesc, 1997.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990

SOBREIRA, Silvia. **Desafinação Vocal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Musimed, 2003.

FONTES SECUNDÁRIAS:

<http://www.musicaeducacao.mus.br>



BORGES, Gilberto André. **Educação Musical no Ensino Fundamental e Canto Coral: uma reflexão a partir da experiência da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis: 2007. Acessível em
<http://www.musicaeducacao.mus.br/artigos/gilbertoborges_educacaomusicaecantocoral.pdf>
